

A noção de primitividade em Gaston Bachelard

José Ternes – Universidade Católica de Goiás.

Entrevista realizada por Ana Laudelina Ferreira Gomes e Alex Galeno

Apresentação por Ana Laudelina Ferreira Gomes

No Colóquio Internacional “*Gaston Bachelard: razão e imaginação*”¹, Prof. Dr. José Ternes apresentou o trabalho “*A noção de primitividade em alguns textos de G. Bachelard*”², do qual partimos para formular as questões desta entrevista, realizada por correspondência eletrônica. No estudo, Ternes se debruça principalmente sobre “*Lautréamont*”, obra bachelardiana (1989) publicada originalmente em 1938. Inspirado na convicção de que “o que a biografia não diz, a obra canta” (p. 73), nela Bachelard medita sobre o livro “*Les Chants de Maldoror*”, do escritor Lautréamont – Isidore Lucien Ducasse –. Autor de quem, ressalva, possuía somente uma obra, o prefácio de um livro e, da biografia, “elementos insuficientes” para que pudessem explicá-la. “O segredo da [...] insaciável violência” desta obra consistiria, para Bachelard, em ser o poeta Lautréamont “um dos maiores devoradores do tempo” (p. 8). E seria o “complexo da vida animal” em sua obra aquilo que liberaria toda sua energia, a “energia da agressão” (p. 8). São estas, algumas teses bachelardianas apresentadas em “*Lautréamont*”, teses que incitarão a reflexão de José Ternes sobre a noção de primitividade em alguns textos do pensador.

Ana Laudelina Ferreira Gomes (A. L. F. G.), Alex Galeno (A. G.): Você diz que no livro “*Lautréamont*” se pode ver concretizada a tese bachelardiana relativa às funções de risco, imprudência, ensaio e criação atribuídas à imaginação, bem como aquela relativa

às funções de turbulência e agressividade atribuídas à razão humana. Com isso, você estaria sugerindo que “*Lautréamont*” pode ser considerado um livro que costura as duas vertentes da obra bachelardiana, a epistemológica e a poética?

José Ternes (J. T.): Na verdade, faço referência a dois textos de Bachelard, “*Lautréamont*” e a coletânea “*L'engagement rationaliste*”, organizada por G. Canguilhem. Penso que ambos, e a obra bachelardiana toda, talvez, realizam um mesmo espírito, o do risco, da imprudência, do ensaio, da criação, da turbulência, da agressividade. “Espírito” é, sem dúvida, uma palavra consagrada na vertente epistemológica do filósofo. Alguns títulos de suas obras o mostram. No entanto, poderíamos aceitar a interpretação de Jean Lacroix (cf. “*Introduction a Bachelard*”, p. 12), em que se sugere que as duas vertentes obedeceriam a uma única filosofia. O que não significa, de maneira nenhuma, que sejam a mesma coisa, ou que possam ser “costuradas”. Estamos em terrenos diferentes e se, como aprendemos em “*Le nouvel esprit scientifique*”, “a ciência cria filosofia”, poder-se-ia afirmar o mesmo da imaginação. A poesia, também ela, “cria filosofia”. Não é por acaso que Bachelard faz “fenomenologia”. Em ambos os casos, é o “objeto” que define o método. A ciência demanda uma epistemologia histórica porque ela tem uma história, porque é essencialmente histórica. A poesia demanda uma fenomenologia da imaginação porque não tem passado, e precisa, portanto, ser apreendida na instantaneidade da imagem. Em ambos os casos, a mesma exigência de uma relação viva, fecunda com o saber. Em última instância, é este que importa. Contra uma idéia bastante

1 Realizado em setembro de 2003 na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, coordenado pela Profa. Dra. Marly Bulcão, do Dep. De Filosofia e Programa de Pós-graduação em Filosofia da UERJ.

2 Texto que será publicado em obra alusiva ao evento, por seus organizadores.

aceita em nossas dias, é a sociedade que deve estar a serviço do saber, e não o contrário.

A. L. F. G./A. G.: Você discute a primitividade da imaginação que é reconhecida por Bachelard em seu livro *“La poétique de l’espace”* (1993) e a noção de primitividade em outros textos do pensador. Primitividade que não nos parece corresponder ao arkhé grego, nem ao conceito de arquétipo junguiano, nem tão pouco, é claro, a algo associado ao “menos evoluído” (numa perspectiva etnocêntrica). Primitividade que estaria próxima da concepção bachelardiana de poesia como metafísica instantânea, concepção trabalhada de modo mais específico no artigo *“Instant poétique et instant métaphysique”*³, e nos livros *“Fragments d’une Poétique du Feu”* e *“L’intuition de l’instant”*. Ou seja, como um princípio sem causa que, tal como a imagem poética, eclodiria no instante do ato. Partindo de sua formulação “Bachelard parece reconhecer uma estrutura própria ao primitivismo, algo próximo do instinto”, em que, ou como poderíamos observar esta proximidade?

J. T.: Bachelard usa a palavra “instinto”, “instinto formativo”, “instinto conservativo” em *“La formation de l’esprit scientifique”* para assinalar as resistências que se opõem ao espírito científico moderno, o novo espírito. Os “obstáculos epistemológicos” aparecem no espírito conservador. Em *“Lautréamont”*, acredito, o primitivo diz respeito a forças vitais, à animalidade, portanto ao instintivo. Mas aqui não é a inércia, o conservadorismo, que são valorizados, mas o dinamismo. Há um certo nietzschenismo nisto. O instinto aparece como estrutura ativa. É claro que, também aqui, se impõe uma “conversão”, “um valor especificamente humano é sempre um valor natural convertido” (Bachelard, *“Lautréamont”*). Impõe-se, também aqui, uma “psicanálise”, mas não a do conhecimento objetivo. No penúltimo parágrafo deste livro, o filósofo propõe uma “Psicanálise da vida”,

muito próxima daquela proposta em *“La Psychanalyse du Feu”*. Penso que temos aí algumas pistas para a hipótese apenas insinuada no meu texto.

A. L. F. G./A. G.: Você reforça o argumento bachelardiano de que a animalidade expressa em *“Os Cantos de Maldoror”* se distinguiria da animalidade em Nietzsche e Kafka, para ficar somente com estes dois autores dos citados por Bachelard no livro *“Lautréamont”*. Poderia elucidar melhor essa idéia?

J. T.: Bachelard contrapõe Lautréamont a diversas figuras: La Fontaine, Kafka, Nietzsche, Victor Hugo, Sade, etc. Em que todas elas se distanciam do autor dos Cantos? Não há uma única resposta. Precisaríamos verificar o que está em discussão. Ao tematizar a agressão, como modo de ser da linguagem, “agressão pura, diz Bachelard, no mesmo estilo em que se falou de poesia pura”, se compara Ducasse com La Fontaine. Este, com suas fábulas, se constituiria no inverso daquele. Nada mais teria feito que uma metáfora de outra coisa que a vida animal, teria escrito, antes de tudo, “uma psicologia humana” (p. 10). Já aquele, efetivamente, descrevera a própria vida animal, em seu “querer-viver”, que é um “querer-atacar”. Nietzsche, neste contexto, estaria mais próximo de La Fontaine do que de Lautréamont. Seus animais, a águia e a serpente, continuariam demasiado lentos, tranquilos, “em família”. Isto é, demasiadamente humanos. O tema metamorfose opõe Lautréamont e Kafka. *“Os Cantos”* nos oferecem uma metamorfose feliz. O devir barata, em Kafka, é triste. Assinala uma decadência. E até Sade, aparentemente tão próximo de cenas de *“Os Cantos”*, pouco tem a ver com Ducasse. A menina violentada pelo cachorro, no Canto-3, as relações de zoofilia de Maldoror com o tubarão-fêmea e com o piolho, no Canto-2 não constituiriam, rigorosamente, “sadismo”. Em Sade, todo o movimento se realiza a partir do homem e para o homem. E o próprio Victor Hugo, tão admirado e utilizado por Bachelard em outras obras, aparece em *“Lautréamont”* como o negativo da literatura primitiva. Nesta, os animais adquirem vida

3 Em tradução brasileira, *Instante poético e instante metafísico*, é encontrado na coletânea póstuma intitulada *Direito de Sonbar* (BACHELARD, 1994).

própria, sua energia e mobilidade são endógenas. Em *“Les Travailleurs de la Mer”*, estabelece-se uma relação de exterioridade entre o homem, que vê, e os animais, objetos para a visão: “a coleção animal permanece estática, inerte; ela foi *vista*” (BACHELARD, *“Lautréamont”*, p. 12 da edição francesa, da Librairie José Corti de 1995). Nisto me parece residir o fundamental: em Lautréamont pode-se observar uma interessante inversão em que, antes que o homem, conta o animal. Antes que a uma humanização, assistimos a uma animalização.

A. L. F. G./A. G.: A questão da animalidade e da primitividade é destacada por você como um dos elementos fundamentais para se pensar o ensaio de uma outra leitura de nosso tempo em *“Lautréamont”*. Poderia desenvolver mais esta afirmação?

J. T.: Ao afirmar que Baudelaire, Lautréamont e Rimbaud são “fundadores de escola”, Bachelard diz algo muito sério: estaríamos diante de um acontecimento decisivo na história do Ocidente. Valeria a pena investigar a natureza da “novidade” assinalada pelo filósofo. Onde estaria, no caso, a importância do texto de Ducasse? Não é por acaso que o Capítulo 4 de *“Lautréamont”*, que tem por título *“O problema da biografia”*, começa com a questão da “loucura” do autor dos *“Cantos”*. Um tema insistente na filosofia francesa do século XX. Aparece em Merleau-Ponty, quando analisa a pintura de Cézane. Está presente nos estudos de Foucault, quer em *“Histoire de la folie”*, quer em *“Les mots et les choses”*. Tanto nestes, quanto em Bachelard, o motivo é o mesmo: evitar que se julgue a obra pelo autor, ou pela biografia. A loucura foi sempre uma caução bastante cômoda da crítica. Mas não fora a única. Dizendo “louco”, ou “perverso”, ou “ateu”, ou “burguês” etc., julga-se a obra a partir de um ponto exterior. Coloca-se, previamente, a medida. Bachelard, na companhia de muitos de seus contemporâneos, professa outra filosofia, tem outra compreensão da obra, particularmente a de arte. “É preciso voltar à obra, se instalar na obra” (p. 86). Nada de novo, porém, ainda. Desde seu primei-

ro texto, Bachelard é partidário dessa perspectiva. Trata-se, no entanto, de uma condição fundamental para que se possa falar em “novidade” Lautréamont, ou, numa linguagem foucaultiana, em “acontecimento” Lautréamont. Não há dúvida de que, para Bachelard, *“Os cantos de Maldoror”* “criam escola”, inauguram uma nova literatura, porque se constituem em “agressividade pura”, porque se enraízam na vida, pura animalidade, porque são a fala de músculos e nervos. Penso que o filósofo expõe bem o desdobramentos da obra, aponta bem sua diferença face a grande parte da literatura contemporânea.